

Para o ministro, GDF está agindo sozinho porque quer

LUÍS OSVALDO GROSSMAN E
CARLOS ALBERTO JR.

DA EQUIPE DO CORREIO

O ministro da Saúde, Humberto Costa, afirma ter dado apoio "total e integral" no combate à hantavirose no Distrito Federal. De acordo com o ministro, o governo federal pode repassar material e dinheiro

ao Governo do Distrito Federal (GDF), mas não houve pedido para isso. "Estamos dando todo o apoio, mas a execução das ações não é do ministério. É uma questão distrital. A mim não chegou nenhuma demanda", afirma Humberto Costa. Ele avalia que o surto da doença no DF se deve à ocupação habitacional desordenada e às condições precárias de sanea-

mento e recomenda aos brasilienses que cobrem atitudes do governo local. Enquanto GDF e Ministério da Saúde trocam acusações sobre a ação de combate à doença, ela continua avançando. Ontem, o DF registrou mais uma morte. Até agora, são sete as vítimas confirmadas de hantavirose — quatro em São Sebastião, uma na Ceilândia, Paranoá e Sobradinho.

"Não me pediram nada"

CORREIO BRAZILIENSE — A Secretaria de Saúde do DF reclama que o governo federal não tem prestado ajuda no combate à hantavirose, seja em recursos financeiros ou pessoal técnico e auxiliar. Qual a posição do senhor sobre isso?

HUMBERTO COSTA — O Ministério da Saúde deu apoio total e integral. Nossos técnicos ajudaram no início com a identificação da doença e na definição de como fazer o combate. Se houver necessidade, vamos liberar recursos financeiros. Não recebi a informação de que tenha havido algum tipo de pedido.

CORREIO — Se houvesse algum pedido, o senhor saberia?

COSTA — Saberá. Estamos dando e daremos todo o apoio que for necessário. Agora, tem uma ação de execução do que deve ser feita para parar a doença que não é do ministério. O ministério não tem um guarda para acompanhar o caso ou matar os ratos. Isso é uma gestão municipal ou distrital, no caso do DF. Mais do que isso, nesse momento estamos procurando resolver o bloqueio de recursos definido pelo Tribunal de Contas da União (TCU) ao Distrito Federal para aumentar mais o apoio do Ministério da Saúde ao GDF.

CORREIO — Não seria o caso de se fazer uma campanha institucional, semelhante ao do caso da dengue, para orientar a população?

COSTA — Mas isso pode ser feito tanto pelo governo federal quanto pelo próprio governo distrital. A gente pode até discutir isso, mas não recebi nenhuma demanda nesse sentido.

Marcelo Ferreira



CORREIO — O Ministério da Saúde não poderia tomar a iniciativa?

COSTA — Vou procurar me inteirar exatamente das discussões que foram feitas entre o Distrito Federal e o ministério e saber quais são as demandas. Da parte do ministério, há interesse total e completo em apoiar. Mas não posso passar por cima do gestor municipal. Não posso chegar e mandar matar os ratos sem conversar com o GDF. O que o ministério faz é ajudar a planejar o enfrentamento do problema. No início, quando ainda não se sabia qual era o problema, o ministério mandou técnicos especializados para identificar o que estava causando o problema. Também discutimos com o estado ou município o que se pode fazer, inclusive se são necessários recursos para contratar gente para fazer o extermínio

dos ratos, se é compra de veneno, se é ação educacional. Mas tudo tem que ser combinado com a autoridade local.

CORREIO — A hantavirose é caso de saúde pública ou estaria mais ligada ao crescimento urbano e a ocupação desordenada?

COSTA — Isso é muito provável que tenha a ver com essa ocupação desordenada, porque o rato que transmite a hantavirose é o rato silvestre. Provavelmente a gente está avançando no habitat dos animais, que vêm buscar alimento ou abrigo no meio urbano. Como as condições sanitárias existentes nessas regiões são precárias, a possibilidade de se evitar o contato é pequena.

CORREIO — Que conselho o senhor daria ao brasiliense em relação a esse problema?

COSTA — Acho que tem de cobrar mais. Vou conversar com meu pessoal da área de Vigilância em Saúde para ver se há alguma demanda do GDF. A mim não chegou nenhuma demanda. Se houver necessidade de alguma ação adicional, sendo pedido vamos fazer.

CORREIO — Isso envolve tanto recursos quanto pessoal?

COSTA — Não temos pessoal. Há técnicos apenas para assessorar. Mas temos plenas condições de ajudar. Seja com recursos material e técnico, para planejar o enfrentamento do problema, seja com dinheiro para comprar raticida. Se não está havendo isso não é por nenhuma razão política. Pelo contrário. Estamos até caminhando para tentar resolver os impedimentos legais de nós aplicarmos no GDF mais recursos.